

MEMÓRIAS, ESCRITAS E DIÁRIOS EM PESQUISAFORMAÇÃO

■ LUCIANE MARIA PEZZATO

 <https://orcid.org/0000-0002-3591-1491>

Universidade Federal de São Paulo, Baixada Santista

■ INÊS FERREIRA DE SOUZA BRAGANÇA

 <https://orcid.org/0000-0003-4782-1167>

Universidade Estadual de Campinas.

■ CAMILA PETRUCCI DOS SANTOS ROSA

 <https://orcid.org/0000-0001-8428-444X>

Prefeitura Municipal de Campinas

RESUMO

Neste ensaio, compartilhamos memórias e escritas em diários, a partir de contextos e processos de vida, pesquisa e formação, em diálogo com autores(as) que nos acompanharam nesse percurso e trabalharam com escritas de diários, em variadas composições e áreas do conhecimento. Destacamos o estudo de René Lourau (1988), com o diário de pesquisa, fundamentado na análise institucional francesa, e de René Barbier (2002) com o diário da itinerância, proposto pela pesquisa-ação existencial. Tendo, como perspectiva, a corrente das histórias de vida em formação e os estudos *nos/dos/com* os cotidianos escolares, nos aventuramos pensar o trabalho com diários como movimentos de escrita da *pesquisaformação* narrativa (auto)biográfica, com intuito de compor sentidos, até então adormecidos pelo passar dos anos, em diferentes espaços do *vivernarrarpesquisar-formar*. Com esses diálogos e lembranças, compartilhamos três narrativas e procuramos traçar caminhos possíveis para pensar os diários, sem fronteiras demarcadas, abertos às finalidades propostas pelo(as) diarista(s), situado em um dado contexto. Assim como os memoriais, os diários são, também, práticas de *pesquisaformação*, de pesquisa com os cotidianos, arriscamos dizer que é um território de escrita aberta para a criação e a invenção de si e do outro.

Palavras-chave: Diário. Pesquisa-formação. Narrativas. Abordagem (auto)biográfica.

ABSTRACT **MEMORIES, WRITINGS AND DIARY IN RESEARCH-FORMATION**

This essay aims to share memories from diaries written through contexts and life processes of research and formation, which happened in dialogue with authors who have been accompanying our journey for working with diary writing in various knowledge fields. We emphasize the study of René Lourau's (1988) concept of research diary, based on the French institutional analysis, and the study of René Barbier's (2002) itinerancy diary, proposed by the existential action research method. Taking the life histories in formation and the studies *in/of/with* the school routine as standpoints, we have ventured to think the work with diaries as a writing movements of (auto)biographical narrative *researchformation*, intending to compose meanings, so far dormant over the years, in different spaces of *living-narrating-researching-formatting*. We seek to plot paths with these dialogues and reminiscences, we share three narratives in order to think about the diaries without a strict boundary, opening their interpretations to a broader context due to the purposes established by the diarist/s. As the memorials, diaries can also be a practice of *researchformation*. We even dare to say they are a writing territory open to the creation and invention of the self and the other.

Keywords: Diary. Research-formation. Narratives. (Auto)biographical approach.

RESUMEN **MEMORIAS, ESCRITOS Y DIARIOS EN PESQUISAFORMACIÓN**

Para este ensayo compartimos memorias y escritos en diarios, a partir de contextos y procesos de vida, investigación y formación, de autores/as que nos acompañaron en este recorrido y trabajan con escritura de diarios, en variadas composiciones y áreas de conocimiento. Destacamos el estudio de René Lourau (1988) con el diario de investigación, fundamentado en el análisis institucional francés, y de René Barbier (2022) con el diario de la itinerancia, propuesto por la investigación-acción existencial. Teniendo como perspectiva la corriente de las historias de vida en formación y los estudios en *las/de las/con* cotidianidades escolares, nos aventuramos pensar el trabajo con diarios como movimientos de escritos de *investigación-formación* narrativa (auto)biográfica,, para componer sentidos, hasta entonces adormecidos por el pasar de los años, en distintos espacios del *vivirnarrarinvestigarformar*. Con estos diálogos y rememoraciones, compartimos tres narraciones y traemos caminos posibles

para pensar los diarios sin fronteras demarcadas, abiertos a las finalidades propuestas por el/las diarista/s, situado en un determinado contexto. Así como los memoriales, los diarios son también prácticas de *investigación-formación*, de investigación on las cotidianidades, arriesgamos a decir que es un territorio de escritura abierta a la creación y a la invención de sí y del otro.

Palabras clave: Diario. Investigación-formación. Narraciones. Abordaje (auto)biográfico.

Introdução

“A memória é uma ‘viagem’ no tempo, até as impressões matinais da pessoa humana, com direito de ida e volta”. (GALZERANI, 2021, p. 102).

Nossas aventuras com e pelas escritas diárias têm possibilitado acessar memórias que até então estavam adormecidas em algum lugar do nosso passado que se fez presente. Embarcamos numa “viagem no tempo”, como nos convida nossa saudosa Maria Carolina Bóvério Galzerani.¹

Das aventuras com a escrita em diários, em terra firme, encontramos fragmentos de memórias dessas histórias espalhadas, aguardando ser lidas dada outra leitura para outras histórias, no intuito de compor sentidos, até então adormecidos pelo passar dos anos (BRAGANÇA, 2012). É como se puxássemos um fio da memória, trazendo lembranças que remontam a outras recordações que acendem outras, voluntárias e involuntárias, lembranças não programadas, como uma sensibilidade historicamente dada, por exemplo, ao sentir um cheiro, um gosto, ao ver uma imagem, entre outros. É a memória relacionada aos sentidos. Rememorações que vão produzindo histórias, compostas de narrativas que articulam presente, passado e futuro. Como nos diz Galzerani (2021, p. 103), “[...] lembrar é partir de indagações presentes para trazer o

passado vivido como opção de busca atenciosa, em relação aos rumos a serem construídos no presente e no futuro. Não se trata apenas de não esquecer o passado, mas de agir sobre o presente [...]”.

Neste ensaio, tomamos a *pesquisa-formação* narrativa (auto)biográfica, como uma perspectiva porosa aos múltiplos sentidos encontrados na “pesquisa (auto)biográfica”: “[...] pesquisa, pesquisa-formação, pesquisa (auto)biográfica, pesquisa narrativa, pesquisa-formação narrativa (auto)biográfica [...]” (BRAGANÇA, 2018, p.67). Inspiradas por Abrahão (2004) quando afirma que são as memórias narradas que dão sustentação para a abordagem teórico-metodológica da pesquisa (auto)biográfica, juntamos coragem e, cá estamos, para narrar memórias de escritas em diários, buscando reinventar e dar sentidos aos nossos modos de *vivernarrarpesquisarformar*.

Nos achados bibliográficos² de uma trilha percorrida para conhecer e problematizar os modos como os diários vêm sendo utilizados em pesquisas e processos formativos, deparamo-nos com estudos que trazem cruzamentos possíveis do trabalho com diários, sua escritura e as narrativas (auto)biográficas (DELORY-MOMBERGER, 2007; HESS; WEIGAND, 2006),

1 Professora da Faculdade de Educação (FE) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no período de 1986 a 2015.

2 Pesquisa bibliográfica realizada pela primeira autora no contexto do pós-doutoramento em Educação realizado na Faculdade de Formação de Professores (FFP) da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

também compreendidas como narrativas de formação (SOUZA, 2006).

Importante pontuar que se trata de pensar um diário que não se limita ao clássico “diário de campo” da pesquisa etnográfica, mas um diário no qual caibam múltiplas possibilidades, num borramento, sem fronteiras demarcadas, entre diário íntimo, de bordo, de formação, de pesquisa, de itinerância, aberto às finalidades propostas pelo(as) diarista(s).

Para isso, buscamos inspiração em dois autores franceses: René Lourau e René Barbier. Os estudos do diário de pesquisa de Lourau (1988), com o referencial teórico-metodológico da análise institucional francesa,

nos permite[m] o conhecimento da vivência cotidiana da pesquisa (não o ‘como fazer’ das normas, mas o ‘como foi feito’ da prática). Tal conhecimento possibilita compreender melhor as condições de produção da vida intelectual e evita a construção daquilo que chamarei ‘lado mágico’ ou ‘ilusório’ da pesquisa [...]. (LOURAU, 1993, p. 77).

O diário pode auxiliar a produzir o intelectual implicado, cujo projeto político inclui transformar a si e a seu lugar social, a partir da estratégia de coletivização das experiências e análises. (LOURAU, 1993, p. 85).

Para Delory-Momberger (2007, p. 121), “[...] a obra de René Lourau constitui, ao mesmo tempo e no mesmo ato, uma obra de pesquisa e uma obra de escritura [...]”.

Barbier (2002) propõe o diário de itinerância fundamentado na pesquisa-ação existencial, como um dispositivo que possibilita um registro cotidiano da pesquisa como processo vivido coletivamente e que envolve rascunhos, comentários e reelaborações. A partir de uma problemática central, o diário de itinerância pode se tornar também um diário de pesquisa. Quando estes são comentados e reelaborados, são também um instrumento de democratização do grupo e/ou trazem traços de uma cons-

ciência crítica nas relações interpessoais que compõem a pesquisa. As pessoas que comentam e se expressam sobre esses diários passam a se tornar participantes ativas da pesquisa-ação, de tal forma que o(a) diarista pode refletir mais tarde sobre e, assim, recomeçar outros diários elaborados em um movimento de inacabamento.

Trata-se de um instrumento de investigação sobre si mesmo em relação ao grupo e em que se emprega a tríplice escuta/palavra – clínica, filosófica e poética – da abordagem transversal. Bloco de apontamentos no qual cada um anota o que sente, o que pensa, o que medita, o que poetiza, o que retém de uma teoria, de uma conversa, o que constrói para dar sentido à sua vida (BARBIER, 2002, p. 133).

Ambas – a pesquisa-ação e a pesquisa-intervenção – encontram-se no emaranhado das tendências de pesquisas denominadas participativas, em que

[...] o sujeito do conhecimento se produz em meio às práticas sócio-históricas, ou seja, o conhecimento enquanto produção e sujeito inscrito nesse processo se fazem em condições determinadas, o que torna imprópria qualquer alusão acerca de uma possível neutralidade que norteia as práticas de pesquisa. (AGUIAR; ROCHA, 2007, p. 650).

Hess e Weigand (2006, p. 15), ao tratar sobre a escrita implicada, traçam associações com as histórias de vida. Entendem que “[...] a exploração da implicação na escrita institucionalista é igualmente desenvolvida no que poderia chamar-se de história de vida [...]”. E, os diários, modos de captar o registro do dia a dia, das experiências vividas. Citam alguns institucionalistas que mantiveram e publicaram diários autobiográficos e incluem publicações conjuntas com Delory-Momberger, estudiosa da relação entre a escrita, o biográfico e a educação. Na mesma perspectiva, sobre a pesquisa-ação, Josso (2010a, p. 101) afirma

que ela é considerada como uma metodologia de pesquisa alternativa às abordagens experimentais, bem como aos procedimentos de análise estrutural e quantitativa; consiste em um conjunto de práticas diversificado, incluindo “nuances de processos relativos ao grau e à natureza da implicação dos pesquisadores, da negociação entre os participantes de pesquisa e as modalidades de elaboração dos saberes”.

Dentro desse campo, situa-se, também, a pesquisa-formação desenvolvida no âmbito da educação de adultos e que, segundo a autora, implica o

[...] compromisso dos pesquisadores numa prática de mudança individual ou coletiva, que inclui um conjunto de atividades extremamente variadas, seja do ponto de vista da disciplina de pertença dos pesquisadores, seja do ponto de vista dos campos de operação, seja, enfim, do ponto de vista dos objetivos de transformação. (JOSSO, 2010a, p. 101).

A corrente francófona das histórias de vida em formação, por meio da obra de intelectuais que chamamos de pioneiros, Dominicé (2000), Pineau (2020) e Josso (2010a,b), toma a pesquisa-formação como caminho teórico-metodológico. Uma abordagem tributária da pesquisa-ação por seu compromisso com a *práxis* e que, tendo seu enfoque no campo da Educação, tem na formação a intencionalidade da produção do conhecimento. Os movimentos vividos no Brasil e na América-Latina, desde os anos 1960, com Paulo Freire, e as pesquisas que buscaram constituir-se na relação entre universidades e escolas, especialmente a partir da luta pela abertura democrática, fertilizaram, entre nós, concepções e práticas de pesquisa encarnada. A chegada da produção internacional sobre as histórias de vida de professores(as), bem como a pesquisa narrativa e (auto)biográfica alargaram possibilidades, agregando diversas áreas do conhecimento e discussões teórico-metodológicas que se aprofundaram com a

realização dos Congressos Internacionais de Pesquisa (Auto)biográfica (CIPA), a partir de 2004, e com a fundação da Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica (BIOgraph), em 2008. Na esteira desses movimentos, no Grupo Interinstitucional Polifonia, temos tomado a radicalidade dos movimentos indissociáveis de pesquisar e formar e, com influência dos estudos nos/dos/com os cotidianos escolares, passamos a usar *pesquisaformação*, apontando para o transbordamento de sentidos, de concepções e ações que unem os *espaçotempos* de viver, pesquisar e formar. Assumimos a *pesquisaformação*, quando a pesquisa é realizada com grupos e em contextos nomeadamente formativos, como aprendemos com os pioneiros, mas também como princípio que se expande e se manifesta quando narramos a vida na singularidade da relação entre pesquisador(a) e um(a) narrador(a) ou mesmo a narrativa (auto)biográfica do(a) pesquisador(a) e há uma intencionalidade dirigida não apenas para a produção do conhecimento, mas também e de forma indissociável, para a formação.

Theodor Adorno (2003, p. 29), em seu texto escrito em 1954, “O ensaio como forma”, atribui à Walter Benjamin, o título de “mestre insuperável do ensaio”, reverenciando a autonomia estética assumida em seus escritos que rompem as fronteiras pré-estabelecidas entre arte e ciência. Por sua vez, Larrosa (2003, p. 102), ancorado no texto de Adorno, problematiza os modos instituídos da escrita na academia, trazendo o ensaio como “um modo de escrita”, que questiona os “[...] dispositivos de controle da linguagem e da nossa relação com a linguagem, quer dizer, das nossas práticas de ler, escrever, de falar e escutar [...]”.

Seguindo essa linha de pensamento, o gênero ensaio atende a nossos propósitos para pensar o trabalho com diários como movimentos de escrita da *pesquisaformação* narrativa (auto)biográfica, com intuito de compor

sentidos, até então adormecidos pelo passar dos anos, em diferentes espaços do *vivernar-pesquisarformar*. Para isso, compartilhamos três narrativas³ (auto)biográficas das autoras do presente artigo, sem a pretensão de apontar para análises a serem realizadas, mas trazer abertura e convite a novas reflexões.

Partilhas e aventuras com diários

Aprendi a escrever na 1ª série, com seis anos. Revirando minhas memórias, encontrei poucas lembranças das minhas primeiras experiências com a escrita na escola. Lembro da professora que morava perto da minha casa e, assim como eu, ia a pé para a escola. Estar na escola sempre me agradou e ir sozinha era tudo o que eu mais queria. Fui alfabetizada com a cartilha “Caminho suave” e cadernos de caligrafia. Sou da época em que a escrita manual era um valor. Hoje em dia, está cada vez mais obsoleta, com a ampliação e difusão das tecnologias digitais, como aconteceu ao longo da história com outros artefatos usados para a escrita. Hoje, quem usa pena e nanquim? Ainda bem que o tempo da cartilha também passou.

A leitura e a literatura sempre me atraíram. Ler *Mary Poppins*, primeiro livro de literatura infantil que ganhei da minha madrinha, levou-me para um mundo onde a imaginação não tinha limites, tudo era possível. Que criança não queria viver aquelas aventuras? Na leitura e releitura, eu me transportava e vivia aventuras típicas de crianças que sobem em árvores e imaginam estar numa floresta como a do Tarzan ou no Sítio do Picapau Amarelo. Era um momento que me sentia livre.

Como me aproximei da escrita em diá-

3 A ideia de construção dessas narrativas surgiu com o convite de participação em uma *Live das Terças Transversais*, denominada “Diários: uma política de escrita?”, que foi organizada pelo grupo Oficinas de formação inventiva da FFP da UERJ, que ocorreu em 31 de agosto de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BSQlu3D7S5Q>.

rios? Posso dizer que embarquei numa grande aventura, daquelas que somos surpreendidas a cada passo, a cada olhar, a cada cheiro, a cada insignificância. Um pouco diferente das famosas aventuras registradas nos diários de viagem de Marco Polo (século XIII) e Cristóvão Colombo (século XV). A minha aventura foi em terra firme, alguns séculos depois, começando sem grandes pretensões e explorando diferentes campos teóricos e vivências práticas, num processo contínuo. Sempre em boa companhia.

Quando adolescente, tive um tipo de diário íntimo, um pouco diferente daqueles diários clássicos do século XIX, com escritas íntimas de fórum privado. Ele não trazia as dores e os sofrimentos como no diário íntimo da Frida Kahlo, nem tão pouco tinha a finalidade de ser publicado como o diário de Anne Frank. Não escrevia sobre mim, nem fazia confissões ou mesmo contava segredos, como é bem comum quando pensamos em diário de meninas adolescentes.

Era um caderno marrom de capa dura e não ficava guardado a sete chaves, pois nem chave tinha. Por dentro, o caderno era todo colorido. Copiava poesias e letras de músicas com canetinhas coloridas, contornava colagens de recortes de revistas com figuras de paisagens bucólicas, adorava imagens do entardecer em campos de flores silvestres. Colava adesivos e figurinhas “*Bem me quer*” e “*Amar é...*”, que eram moda entre as meninas nos anos 1970. Escrever nesse caderno era um momento de liberdade e independência. Nossa casa estava sempre cheia. Não tinha espaço para segredos e, depois da escola, eu precisava ajudar minha mãe a cuidar das minhas irmãs e irmão menor e das tarefas domésticas. A escrita não cabia facilmente dentro dessa rotina, tinha sempre que encontrar uma brecha. A escrita me pedia circunstâncias.

Será que ter um diário íntimo é coisa de menina? Não lembro dos meus irmãos terem

diário, mas minhas irmãs tinham. Vivi numa casa comandada por mulheres fortes, descendentes de imigrantes, que construíram uma vida simples, seguindo os padrões e costumes característicos de cidades do interior paulista. Educação rígida, principalmente para as meninas. Naquela época, eu não tinha conhecimento dos debates de gênero, não conhecia Simone de Beauvoir, mas senti na pele como deveria ser o comportamento de uma menina educada: não pode sentar de perna aberta, tem que ser delicada, saber costurar, bordar, tricotar, casar, ter filhos... Marcas que trago até hoje. Esse diário foi, para mim, um ato de “rebeldia romântica”. Como de muitas meninas. Um lugar de “partilha do sensível”, como se refere Rancieri (1995, p.7), quando diz que “[...] o ato de escrever é uma maneira de ocupar o sensível e de dar sentido a essa ocupação [...]”.

Li em um artigo que a escrita passou a fazer parte do universo feminino na segunda metade do século XIX, entre mulheres que sabiam ler e escrever, que faziam parte de certa elite. Mesmo com limitações, elas escreviam em seus espaços domésticos, onde também podiam ser vigiadas, “[...] realizavam a escrita de cartas, diários, bilhetes, faziam anotações em livros, os quais lhes eram permitidos ler, colecionavam álbuns de poesias, entre outras atividades dessa natureza [...]” (VASCONCELOS, 2020, p. 4). Mesmo estando na segunda metade do século XX, meu primeiro diário manteve muitas daquelas características.

Essa constatação de que não era um diário íntimo “clássico” me fez lembrar de dois livros que me convocaram a pensar em outros modos de produzir um diário. Um deles é *O caderno*, um quase-diário com escritas livres de Saramago (2009), em um *blog* e, o outro, é *Isto não é um diário*, de Bauman (2012, p. 8), que contém fragmentos escritos do cotidiano de um pensador que afirma ser “incapaz de pensar sem escrever”. O que abre outras possibi-

lidades para se pensar um diário. O que pode um diário? O que leva alguém a escrever um diário?

Descobri que existem “variações” de diários (LOURAU, 1993). Particpei de pesquisas em que trabalhamos com vários tipos de diários. Falo na primeira pessoa do plural, porque não estava sozinha nessas aventuras, mas acompanhada por pessoas dispostas a produzir outros modos de pesquisar com diários (PEZZATO; L’ABBATE, 2011; PEZZATO, et al. 2019; PEZZATO; BOTAZZO; L’ABBATE, 2019). Nos aventuramos juntos(as), com diferentes formas de registro e escritas singulares.

A escrita acadêmica para mim iniciou no mestrado e se intensificou no doutorado. Na graduação e na prática profissional, a escrita ocupou um lugar irrisório. No mestrado, minha orientadora sugeriu que eu fizesse um diário de campo. Nem imaginava que o diário de campo tinha uma história, que começou no início do século XX, com o antropólogo polonês Bronislaw Malinowski. Simplesmente peguei um caderno e comecei a anotar o que acontecia após as entrevistas que fazia. Seguimos o ritmo do diário etnográfico, como “[...] um caderninho de notas, em que o investigador, dia por dia, vai anotando o que observa [...]”, conforme consta no clássico livro *Desafio do conhecimento* (MINAYO, 2006, p. 295). Mesmo que seu papel tenha sido de auxiliar do trabalho de campo, a preocupação com o registro do cotidiano da pesquisa estava presente.

Foi no doutorado, de fato, que essa aventura adquiriu outros contornos, com muitas histórias, caminhos e descaminhos, em terra firme. Só que agora, o diário entrou desde o início da pesquisa. Naquele momento, demos o nome de diário institucional, seguindo o referencial teórico-metodológico da minha pesquisa: a análise institucional francesa. Ao longo da tese, inventamos outras variações de diários, inclusive um, que foi coletivo. Embar-

camos juntos e juntas nessa aventura diarística. Passamos a registrar nosso cotidiano de trabalho e pesquisa. Alguns escreveram à mão, outros(as) digitaram, cada um(a) fez a seu modo.

Foi uma encomenda ao grupo da pesquisa, com uma escrita endereçada à pesquisa e ao grupo, dando um contorno à escrita e ao diário, o que “reforça a teoria da implicação”,⁴ de Lourau (1993, p. 70), quando afirma que “[...] a instituição segura nossa mão e escreve o produto final de nosso trabalho.” Não é o fato de estar implicado em seu trabalho, ou estar comprometido politicamente, mas sim problematizar coletivamente as relações presentes.

Minha sorte foi que minha orientadora embarcou junto conosco nessa aventura. Foi no exame de qualificação que uma professora da banca questionou: “que diferença tem o diário institucional do diário de campo?”. E foi, com essa pergunta, que me aventurei por outros mares em estudos sobre diários.

Foram os textos de Lourau que me deram as primeiras pistas e mostraram que ainda tinha muito a saber, apontando caminhos de leituras, referências importantes sobre o trabalho com diários em pesquisa. Ele propõe o diário de pesquisa, referindo-se não “especificamente à pesquisa, mas ao processo de pesquisar”, fazendo um contraponto ao modo instituído do diário de campo nas pesquisas. O diário de pesquisa, na minha tese, assumiu um lugar do registro do vivido e produzido na e com a pesquisa, acolheu as contradições, dúvidas, inspirações, percepções, daquilo que, realmente, me tocou durante todo o percurso, inclusive o que me recusei a refletir.

⁴ A noção de implicação constitui-se de um conjunto de relações, que o intelectual recusa, conscientemente ou não de analisar na sua prática, quer se trate de relações com seus objetos de estudo, com a instituição cultural, com seu meio familiar, bem como de outras dimensões, como o dinheiro, o poder, a libido, e em geral com a sociedade da qual ele faz parte (LOURAU, R. A Análise Institucional. 1a ed. Petrópolis: Vozes, 1975).

Chegando como docente no Eixo Trabalho em Saúde, na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), *campus* da Baixada Santista, em 2014, um acontecimento do acaso surpreendeu-me: havia ali uma experiência, de alguns anos, com utilização de diários no processo formativo. Um trabalho interprofissional, interdisciplinar, com diários. Logo pensei: “Uau! Uma nova aventura com diários. Estou no lugar certo!”.

Os diários e a escrita na vida, na pesquisa e na formação docente

Fui uma menina que gostava de desenhar e escrever. Filha de professora, aos três anos estava de uniforme na sala de aula da Escola Estadual Professor Alfredo Mauricio Brum, no bairro de Éden, São João de Meriti, Rio de Janeiro. Cadernos, folhas mimeografadas, pilhas de provas, materiais escolares faziam parte do meu cotidiano. Como aluna dos anos iniciais, os cadernos ocuparam um espaço importante de encontro com a escrita, nas páginas privilegiadas – os trabalhos propostos pela professora, “[...] os textos eram resultados de ditados ou cópias, mas as páginas finais eram como *territórios livres* e foi nesses espaços que consegui encontrar minha escrita pessoal, aquela escrita *subversiva*, porque se colocava fora do planejamento da professora [...]” (BRAGANÇA, 2008 p.4). Nas brechas do tempo livre, “no cantinho das páginas”, espaço para desenhos e escritos que ia dando a ver-sentir a pessoa, a criança, a menina que estava ali.

No ambiente da secretaria da escola, a máquina de escrever fazia meus olhos brilharem. Acompanhando ou esperando minha mãe, em alguns momentos, a vice-diretora permitia que eu fizesse ensaios de escrita na máquina da escola. Que emoção! Escrevia com cuidado, com reverência de usar algo muito precioso. E quando tive a oportunidade de escolher

um presente, não tive dúvida, uma máquina de escrever! Meus avós paternos moravam no interior do Rio de Janeiro, Bom Jesus do Itabapoana, tinham um pequeno sítio e, quando nasceu um bezerrinho, me deram de presente. Ele cresceu, virou uma vaquinha, pela qual, ao ser vendida, meus pais receberam o valor correspondente para que comprassem um presente para mim. Minha *remington 25* é a minha vaquinha e me acompanhou nos trabalhos escolares até o início do mestrado, quando comprei o primeiro computador. Na máquina, os trabalhos acadêmicos predominaram e a escrita pessoal seguiu nas brechas...

Aos 11 anos, tive meu primeiro diário. Caderno vermelho, de capa dura. Como organizada e metódica, tomei a palavra ao pé da letra, se era diário, precisava escrever todos os dias e de forma detalhada, todos os acontecimentos, do amanhecer ao anoitecer. A proposta rígida que criei para escrita não poderia ter outro fim... fracasso. Talvez, tenha sido uma pista desperdiçada, não percebida naquele momento, de que a escrita e a vida não são dadas ao controle, são movimentos dados, sim, à liberdade, ao fluir, à quebra de rotinas. Ao participar da *live* “Diário: uma política de escrita?”, retomei o caderno vermelho e fiz a leitura de alguns fragmentos, vi nele um diário íntimo, com relatos cronológicos da vida cotidiana, junto com meus pais e minha irmã Lia.

Um escrito diarístico me acompanha desde 1986, as agendas de cada ano. Hoje as vejo como registros de memória, são escritos sistemáticos dos afazeres de cada dia, mas contêm, inclusive, imagens, esquemas, citações de textos, filmes assistidos, livros lidos...

A companhia das agendas de papel fora tomando um lugar, não apenas pragmático, mas de registro da vida. Posso retomar a de 1998 e ver, no dia 5 de maio, o nascimento do Caio; nos tempos de adolescência, encontros de amor ou as visitas à minha amiga e confi-

dente Luiza... Junto com registros importantes de acontecimentos da vida, nas agendas, encontro, também, um conjunto de escritos ordinários, alguns aleatórios, *desimportantes*. Ao desenvolver a dissertação de mestrado, Renata Fernandes (2021) fez um inventário dos seus guardados pessoais, dos cadernos de registro. Inicialmente, encontrou muitos que considerou aleatórios, mas no percurso de sua *pesquisa* foi instigada a *transver*⁵ esses escritos, produzindo com eles tramas de histórias, tessituras de intrigas, composição de tramas, enredos que se articulam (RICOEUR, 1994). Com diferentes formas-conteúdos e gêneros – cartas, mônadas, narrativas pedagógicas – no Polifonia, a escrita tem sido uma “companheira” nos caminhos de *pesquisar* (OLIVEIRA, 2020).

Do mestrado em Educação, na Universidade Federal Fluminense (UFF), guardo um caderno simples, encapado com papel especial, intitulado *Diário de campo*. Nele, fiz registros das idas ao Centro Integrado de Educação Pública (CIEP) Rui Frazão, juntamente com minha querida professora orientadora Célia Linhares e o nosso grupo de pesquisa. As anotações tinham formato rascunho, alguns trechos a lápis, outros a caneta, depois eram digitadas e reescritas no texto da dissertação. Desde menina, prezo pelos guardados, caixas de lembranças, bilhetes e cartas recebidas, fotos, materiais escolares. Ao me ver organizar cuidadosamente os arquivos pessoais, que, em nossa casa, ocupavam uma gaveta, embaixo do sofá da sala, meu pai, que observava em pé, na porta do seu quarto dizia: “*Filha, se continuar guardando coisas assim, quando for adulta precisará de duas casas!*”, risos..., e não é que a fala dele, no *entrelugar* da minha vida adulta Niterói-Campinas, materializou-se? De algum modo, o desejo de dizer da memória me acompanha. Foi com a querida Célia Linhares

⁵ Expressão usada por Manoel de Barros.

que conheci Walter Benjamin e a conversa com eles fez transbordar memória e narração como conceitos e dispositivos de *viverpensar* a vida, a escola e a formação docente.

Ao chegar à Faculdade de Formação de Professores (FFP) da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), em 2000, trabalhei com as turmas a disciplina de Filosofia da Educação e, a partir das suas histórias de vida, fazia um convite à partilha oral, em sala de aula, e também escritos narrativos e memoriais de formação (PRADO, CUNHA, SOLIGO, 2008). Nas turmas de estágio, as narrativas acompanhavam todo processo e, ao final do semestre, cada estudante apresentava um relatório. Foi a querida professora Vânia Gasparello que me apresentou o texto “Diário de itinerância”, de Barbier (2002), uma paixão que me acompanha desde então! Solicitamos às nossas turmas do curso de especialização em Educação Básica o registro do processo formativo vivido ao longo da nossa disciplina em diários de itinerância escritos em formato rascunho, comentados por nós com um convite à reelaboração. E os diários, como registros narrativos dos cotidianos da vida, da escola e da universidade, das reflexões tecidas em aula, no diálogo com os(as) colegas e autores(as) lidos, dos movimentos de pesquisa e de formação, passaram a ser uma companhia presente nas turmas de graduação e pós-graduação, na FFP da UERJ e na Faculdade de Educação (FE) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Ao chegar a Portugal para o doutorado, o primeiro arquivo do computador que abri teve o objetivo de registrar o que pulsava. Com inspiração em Freinet, o diário de pesquisa, chamado *Livro da vida*, acompanhou-me ao longo do percurso como um escrito entrelaçado à tese, em diálogo com ela, contando a história da pesquisa e, em outros momentos, constituindo o próprio texto da tese. Com ele, vivi a

escrita como movimento de tessitura biográfica da pesquisa (BRAGANÇA, 2012). A escrita do livro da vida foi me confrontando com um movimento reflexivo e formativo, construído com e na própria escrita.

Nos caminhos percorridos pelo grupo Polifonia, a escrita de diários de itinerância tem consistido em dispositivo para viver a intensidade de uma escrita que transborda e vai tecendo os textos dos trabalhos de conclusão de curso, das dissertações e teses ao longo do caminho de *pesquisaformação*.

[...] Sabe o que constatei hoje? Gosto de escrever minhas narrativas no papel. Há tempos venho percebendo isso. Às vezes me encontro em frente do computador e as palavras para contar e narrar acontecimentos não saem. Então, resolvo pegar esse caderninho, que na verdade não é um caderninho e sim uma agenda não usada de 2018, e as palavras começam a sair. Vou escrevendo despreziosamente sobre as experiências que me tocam. Bom assumir isso, bom escrever sobre isso. Comecei a usar essa agenda, justamente por não ser um caderno, pensei que fosse um bom lugar para rascunhar. Acontece que a maioria das minhas escritas narrativas acabaram por serem originadas por essa agenda que virou caderno rascunho. Diário de itinerância, Campinas, 10 de agosto de 2020. (ROSA, 2022, p. 66).

No diário de itinerância, Camila encontra brechas para refletir sobre a escrita, sobre os momentos que, diante do computador, as palavras não saem e a possibilidade de escrever despreziosamente sobre as experiências, em formato rascunho. Nos tempos pandêmicos que temos vivido, a escrita, em seus diversos gêneros, e os diários, em especial, assumiram *espaçotempo* fundamental de resistência, partilha coletiva e de (trans)formação. Tanto nos encontros do grupo Polifonia como nas turmas de graduação e pós-graduação, os momentos de partilha de arte, literatura e narrativas foram possibilidades de sobreviver, de construir sentidos.

Os estudantes das turmas de cada semestre de 2020 e 2021 foram convidados a escrever diários ao longo do itinerário, compartilhando experiências pessoais e coletivas, arte e literatura, os lutos e as lutas, bem como desenvolver um diálogo com os temas trabalhados nas disciplinas, os textos lidos, os movimentos possíveis de formação.

Meu primeiro contato com a escrita no diário de itinerância se deu no ano de 2020, no meio da pandemia da Covid-19, durante a disciplina Metodologia do Ensino Fundamental (EP153) [...]. Iniciei escrevendo sobre como eram as aulas remotas, abrangendo a perspectiva de um sentir individual e coletivo – trazendo referência às matérias que via sobre a educação na pandemia - tal como todas as angústias que o contexto trouxe para as nossas vidas. A princípio, tinha a escrita no diário - o caderno utilizado era pequeno e amarelo, na cor eu gosto muito, era um caderno muito simples, mas que carregava todo o sentimento de vivenciar novamente uma escrita que trouxe gosto -, sem a necessidade de ser algo diário de fato [...]. (ISIDORO, 2021, p. 4)

Momentos de emoção e de acolhida não se separaram das discussões sobre a organização do trabalho pedagógico nas disciplinas de Didática, Metodologia do Ensino Fundamental e Estágio Supervisionado. Vivi com cada turma o desafio de reconstruir a docência no formato remoto, sem perder a dimensão dos afetos, do trabalho com os conteúdos e, mais uma vez, a escrita e os diários foram boas companhias.

Com essa narrativa (auto)biográfica, vejo lampejos de uma história singular-plural que envolve escrita, diários e memória como palavras-conceitos, como modo de *vivernarrar-pesquisarformar*. Os diários e a escrita vão produzindo uma trama que nos ajudam em um exercício filosófico de interrogação estética, política e pedagógica de nós mesmos, do mundo, dos saberes e fazeres escolares e da formação.

Encontros e reencontros possíveis com a escrita diarística

Quando era menina, lembro-me de escrever quase diariamente em diversos diários intimistas que tinha na época. Deitava-me na cama no final do dia e começava a narrar os fatos que me aconteciam. Ao escrever naqueles diários, contava coisas para eles, como se fossem grandes amigas. O ato de escrever em diários era uma prática que minhas amigas de infância também tinham. Costumávamos ter diários com cadeados, então só quem tinha a chave conseguia abri-los. Era como se nesses diários existissem segredos e confissões sobre mim que nem sempre poderiam ser visitadas. Assim como Luciane, não sei se diários íntimos são ou eram coisas de menina, mas não me recordo de nenhum amigo que tivesse essa prática diarística.

Ao iniciar o mestrado pela FE da Unicamp em 2020, comecei a me reconectar com os modos de escrita de si e, com isso, passei a folhear e visitar esses diários intimistas que tinha enquanto menina. Para abrir esses diários, percebi que as chaves que antes os abriam não eram tão necessárias, pois os cadeados em si eram muito mais frágeis do que imaginava quando era criança. Então, bastou uma ou duas tentativas e já consegui abrir muitos desses diários antigos e passei a ter acesso ao que estava escrito neles. Dentre as leituras e lembranças que fui tendo com a leitura de meus diários de infância, deparei-me com um escrito que não era meu, e sim da minha melhor amiga da época. Em seus escritos, essa colega foi fazendo comentários no meu diário intimista, relacionando-se com escritas que faziam parte da minha vida e das tessituras que eu ia fazendo ali, algo que se relaciona com o que Barbier (2002) falará sobre o diário comentado no âmbito dos diários de pesquisa.

Apesar de ser uma praticante assídua da escrita em diários quando menina, essa prática foi se perdendo em minha vida ao longo dos anos, a qual apenas retomei quando ingressei no mestrado. Além da prática da escrita diáristica, minhas relações com esses escritos e suas leituras também começaram a ganhar novas dimensões. Revisitar as páginas que escrevia enquanto menina, as quais tinham comentários da minha amiga, por exemplo, fez-me refletir sobre a importância deste tipo de relações que estabelecemos com a escrita, especificamente com a *escrita de si* e a *escrita com* (JOSSO, 2010b).

No ano em que ingressei no mestrado, iniciava também a pandemia advinda da covid-19. Houve momentos de tanto medo, de luta e luto, que a escrita paralisou, senti-me como os soldados a que Benjamin se refere (1994, p. 115), que voltavam silenciosos do campo de batalha, pobres de experiências comunicáveis. Enquanto professora pesquisadora das infâncias, o fato de ficar longe fisicamente da escola, das crianças, da minha orientadora, colegas de docência e de grupo de pesquisa, fizeram com que, por alguns momentos, também só me ficasse o silêncio.

Em *A vida não é útil*, Ailton Krenak (2020) discorre sobre entendimentos que alguns povos originários têm em relação aos nossos corpos, com tudo que é vida e com os ciclos da Terra. Ao observar a terra e o céu, esses povos sentem que não estão dissociados de outros seres, por isso, há a tradição de que quando “o céu fica muito perto da terra”, eles suspendem o céu. Assim, nessas tradições, quando é sentida a proximidade entre o céu e a terra, é preciso “[...] dançar e cantar para suspendê-lo, para que as mudanças referentes à saúde da Terra e de todos os seres aconteçam nesta passagem [...]”. (KRENAK, 2020, p. 46).

Eu, por minha vez, para suspender o céu em meio à pandemia, voltei a escrever em meus

diários. Com eles, fui percebendo que poderia habitar o mundo de outra maneira e com isso, ir reconfigurando a vida, assim como a formação. O termo “vida-formação” caminha exatamente na congruência entre viver e se formar, nesses percursos indissociáveis e contínuos, *vivernarrarpesquisarformar*.

Suspender o céu é ampliar os horizontes de todos, não só dos humanos. Trata-se de uma memória, uma herança cultural do tempo [...] o cotidiano era uma extensão dos sonhos. E as relações aos contratos tecidos no mundo dos sonhos, continuavam tendo sentido depois de acordar. Quando pensamos na possibilidade de um tempo além deste, estamos sonhando com um mundo onde nós, humanos, teremos que estar reconfigurados para podermos circular. Vamos ter que produzir outros corpos, outros afetos, sonhar outros sonhos para sermos acolhidos por esse mundo e nele podermos habitar. Se encararmos as coisas dessa forma, isso que estamos vivendo hoje não será apenas uma crise, mas uma esperança fantástica, promissora. (KRENAK, 2020, p. 46).

Em meio a esta suspensão que o mundo tem vivido com a pandemia, perguntava-me, assim como Krenak, se iríamos sair dessa experiência da mesma maneira que entramos. Essa suspensão fez com que, além de revisar antigos escritos e meus diários de infância, também retomasse o diário que guardo ao lado da minha cabeceira para escrever meus sonhos todo dia ao acordar. Foram algumas das maneiras que encontrei para pensar outros tipos de afetos, de encontrar em meio à crise um esperançar (FREIRE, 1992). Talvez, quando menina, com meus diários íntimos, mesmo que de forma inconsciente, também estava buscando esse esperançar, esse mundo do sonho, de diálogo *com* e *para* a vida.

Os diários foram fazendo-me pensar uma possibilidade de tempo que vai além da utilidade, caminha *para* e *com* a vida. A relação que vamos estabelecendo com os diários per-

mite com que as experiências vividas sejam significadas e ressignificadas por meio da escrita e leitura. Entre tantos acontecimentos e sentimentos que emergiram com o mundo pandêmico, por exemplo, a escrita diarística trouxe-me essa suspensão do céu, a qual fez com que o tempo fosse experienciado de uma forma outra, no tempo da agorabilidade.

Foi escrevendo que percebi que essa paralisia na qual me encontrei, inicialmente, na relação com a escrita da pesquisa, estava também relacionada a uma pobreza de experiência da nossa humanidade. Em “Experiência e Pobreza”, Walter Benjamin (1994, p. 119) diz: “Ficamos pobres. Abandonamos uma depois da outra todas as peças do patrimônio humano, tivemos que empenhá-las muitas a um centésimo de valor [...]”. Em um mundo repleto de informações que buscam *explicar* os acontecimentos, de *stories*⁶ que trazem imagens de nosso cotidiano e só ficam nas redes sociais por 24 horas, repleto de informações que só têm valor nos momentos em que são novas, pensava: “Como tecer minha pesquisa na pandemia?”.

Antes de suspender o céu por meio da escrita nos meus diários, só sentia o silenciamento, tal como os dos combatentes que Benjamin nos conta, pois o luto e a luta me faziam sentir como se o céu e a terra estivessem tão próximos que paralissei. Assim, peguei uma antiga agenda de 2018 que tinha suas folhas em branco e a levei para o meu quintal. Naquela antiga agenda, comecei a fazer o que Barbier (2002) chama de diário rascunho. Nela, ia escrevendo tudo que tinha vontade, no fervilhar das ações que me passavam ao longo da pesquisa, ou até mesmo na serenidade e contemplação do que via e vivia naquele quintal. Apesar de sua materialidade aparente, ela passou a não

ser mais uma agenda, passou a ser meu diário de pesquisa, um diário rascunho. Comecei a registrar nele coisas que pareciam importantes, ou até mesmo desimportantes, como nos diz Manoel de Barros (2015), mas que estavam relacionadas à minha vida-formação, ligada à de outrem.

Naquele diário rascunho, ficavam as partes mais íntimas da minha pesquisa que tinham, muitas vezes, o meu próprio código de escrita abreviada: narrativas em andamento; observações e comentários sobre as aulas; desenhos; estados de espírito; relatos sobre a companhia da minha avó em um ano pandêmico; acontecimentos cotidianos. Naquela antiga agenda, que despretensiosamente se tornou um diário, não buscava efeitos de sentido, eu era capaz de escrever de qualquer coisa de qualquer modo, mas deixei o silenciamento que antes me encontrava se encharcar com a minha escrita.

O ato de sentar e escrever nos diários fez com que o passado e o presente fossem se encontrando na agorabilidade. A escrita diarística faz com que as experiências sejam significadas e ressignificadas, em envolvimento de emoções e tensões, que podem produzir a contrapelo outras possibilidades de futuro, uma vez que esse tipo de escrita está encharcada de vida. Ao escrever no meu diário de pesquisa, fui também ressignificando a minha relação com as experiências vividas, pois, no diário, não precisamos explicar; e sim, contamos, narramos, vinculamo-nos às nossas experiências; afinal “[...] qual o valor de todo o nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais o vincula a nós?” (BENJAMIN, 1994, p.115). Seja em um diário intimista, rascunho, de sonhos, de bordo, formação, de pesquisa, de desenhos ou até mesmo de *post it*; eles possibilitam com que narremos experiências, pensamentos, tensões, sensações, imagens que lampejam (GALZERANI, 2021).

⁶ *Storie* é uma função do aplicativo da rede social Instagram. Com ele, os usuários podem compartilhar fotos e/ou vídeos, que podem ser visualizados em um curto período de 24h.

Na minha pesquisa de mestrado, proponho o entrecruzamento de memórias e narrativas na relação com crianças dispersas no tempo. Faço esse entrecruzamento em um quintal de *pesquisaformação* que trago alegoricamente para narrar histórias que são tecidas tanto com as lembranças da minha infância quanto da docência e na relação com três crianças que estiveram comigo na escola. Os diários foram também uma peça fundamental para que essa imagem alegórica do quintal se formasse na *pesquisaformação*. Foi, ao levar meu diário rascunho para o meu quintal em meio à pandemia, que me reencontrei com Manoel de Barros, em especial seu livro *Meu quintal é o maior do mundo* (2015). Na companhia do meu diário, a imagem alegórica de um quintal de *pesquisaformação* foi se formando, expressando as contradições, tensões de sentido que essa palavra tem na historicidade (KOYAMA, 2013; GAGNEBIN, 2007).

Assim, os meus diários acabaram por fazer com que os caminhos da pesquisa fossem possíveis de serem tecidos sem fronteiras, em limiares que pertencem à ordem do espaço e também do tempo pela sua escrita aberta, porosa e singular-plural:

[...] os relatos de vida escritos, centrados na perspectiva das experiências formadoras e fundadoras de nossas identidades, em evolução, de nossas ideias e crenças, mais ou menos estabilizadas, de nossos hábitos de vida e de ser com relação a nós mesmos, aos outros, ao nosso meio humano e natural, tangíveis e invisíveis. (JOSSO, 2010b, p. 66).

Em meio a tantos encontros e reencontros, propiciados, cotidianamente, pela escrita diarística, vejo nela caminhos para uma pesquisa que vai além da racionalidade instrumental, a qual vai sendo tecida em uma racionalidade estética (GALZERANI, 2021), trazendo imbricadas possibilidades que abarcam dimensões conscientes e inconscientes, permitindo termos

práticas mais humanizadas na docência, vida e formação.

Movimentos de escrita em diários em *pesquisaformação*

Três narrativas que viajam no tempo e rememoram experiências com diferentes modos de produzir diários. Partilham aventuras vividas em seus diários íntimos, diários de pesquisa, diário de itinerância, que escrevem de uma vida, seja na pesquisa, seja na formação. Diários que contam de encontros e reencontros que a escrita diarística possibilitou. Rememorações. A escrita diarística, assim como o ensaio, é “um modo de escrita” que traz um pensamento crítico, não linear e sem a pretensão de totalidade. Traz um pensamento liberto que segue um caminho próprio.

A intensidade em *vivernarrarpesquisarformar* nos fez querer compreender um pouco mais sobre o trabalho com diários em contextos de processo de pesquisa, vida e formação, que “[...] levam em conta a sua própria possibilidade de vir a saber o que antes não sabiam [...]” (GARCIA, 2003, p. 194). Que lidam com incertezas e não saberes instituídos, apontando outros possíveis, outros caminhos.

Lourau e Barbier, nesse contexto, abrem espaço para pensarmos em um diário que acompanha a experiência e que discorre sobre ela em forma de escrita, como um contador de história que narra sua experiência. Nesse sentido, um primeiro cruzamento que queremos destacar com a perspectiva *epistemopolítica* da *pesquisaformação* é a valorização do processo. Manter um diário no percurso formativo, como também numa investigação, possibilita um registro particular do processo percorrido pelos(as) sujeitos, em um recorte histórico, permitindo seguir o movimento da “obra” e do(a) seu(a) autor(a); uma espécie de “suporte do pensamento” (HESS, 2004, p. 29). O segun-

do, é que o diário pode ser considerado um tipo de relato autobiográfico, (LEJEUNE, 2014; HESS; WEIGAND, 2006; DELORY-MOMBERGER, 2007), escrito em primeira pessoa, compõe um conjunto de “[...] documentos que constituem a memória material dos sujeitos, que falam por meio de diferentes linguagens da vida e de seus movimentos [...]”. (BRAGANÇA, 2012, p. 57). Um sujeito composto por muitos outros, “[...] um sujeito histórico forjado nas redes de interdependência tecidas com os outros [...]” (BRAGANÇA, 2018, p. 69). O terceiro, é o fato dessas abordagens romperem com a neutralidade do(a) pesquisador(a), trazendo dúvidas, incertezas presentes no processo, “[...] expondo suas experiências vividas no cotidiano, deparando-se com fragilidades institucionais e pessoais concretas [...]” (PEZZATO; L’ABBATE, 2011, p. 1302). E um quarto cruzamento é a possibilidade de o diário tornar-se um dispositivo de pesquisa, formação e intervenção (ação) que se movimenta e produz movimentos *na* e *com* a pesquisa, possibilitando ao(à) diarista assumir um “lugar de quem escreve como um caminho ético, político e metodológico” (PEZZATO; BOTAZZO; L’ABBATE, 2019, p. 306), no seu contexto histórico, no seu processo de emancipação.

Nesse sentido, as experiências escritas nos diários, a partir de contextos de vidas singulares, encontram-se também com o plural, pois expressam a historicidade, os movimentos coletivos, conscientes ou inconscientes, “no seio de uma humanidade partilhada” (JOSSO, 2010b, p. 70). Quando nos referimos a uma humanidade partilhada, não se trata em, necessariamente, compartilhar as escritas dos nossos diários, mas sim de, sobretudo, escrevê-las, nessa relação de autoria que vai acontecendo *para* e *com* a vida. A escrita diarística encontra-se em um movimento horizontalizado, *epistemopolítico* que vai sendo tecida no cotidiano da pesquisa, de tal forma que as ex-

periências que nos tocam são também experiências comunicáveis.

Compondo esses caminhos, pensamos que um diário vai ganhando formas e sentidos, contextualizado, seguindo o fluxo que o(a) diarista quer (ou pode) imprimir, em um dado momento. Dependendo, também, das finalidades dada a ele. Em uma pesquisa, por exemplo, cabem vários diários, com peculiaridades próprias, aproximando-se do seu predecessor, o diário íntimo, em que “cada diarista pode criar seu método e estilo para seu diário”. (MENDES, 2020, p. 234).

A epistemologia que fundamenta o trabalho com diários, na perspectiva aqui apresentada, constitui o campo teórico no qual se constrói o campo metodológico, propondo “[...] romper com as dicotomias de alguns conceitos, colocados pela ciência moderna, que limitam a compreensão dos mesmos em sua intrínseca relação [...]”. (MOTTA; BRAGANÇA, 2019, p. 1037). Podemos dizer com isso que o diário, com essas proposições, torna-se um dispositivo *epistemometodológico*, marcando os entrelaçamentos entre “[...] teoria, metodologia, política e epistemologia, na construção de conhecimentos em educação [...]”. (BRAGANÇA, 2018, p. 76).

Os entrecruzamentos entre a *pesquisiformação* e a escrita diarística presente neste ensaio ressalta a *epistemopolítica* que sustenta nossos modos de produção de conhecimento, de pesquisa e de vida. Essa indissociabilidade entre vida e formação, de forma consciente ou inconsciente, possibilita-nos reafirmar o lugar dos diários em nossas itinerâncias e andanças na vida, na investigação e no percurso formativo. A *pesquisiformação* subentende que o processo de pesquisa e formação dos sujeitos está permeado de diversas relações, seja com o tempo, os lugares ou suas relações sociais. O processo de travessia e afirmação que somos produtores da nossa história entende que

a escrita diarística cria possibilidades de provocar deslocamentos não apenas no percurso individual, como também coletivos com histórias que devem e precisam ser contadas.

Entendemos que, assim como os memoriais de formação, os diários são também práticas de *pesquisa formação*, de pesquisa com o cotidiano, de compreensão e tensão sobre uma infinidade de itinerários que podemos encontrar ao longo de uma pesquisa. Arriscamos dizer que é um território de escrita aberta para a criação e a invenção de si e do outro em processos que buscam compor sentidos nos diferentes espaços do *vivernarrarpesquisarformar*.

Referências

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Pesquisa (auto)biográfica – tempo, memória e narrativas. In.: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.) **A aventura (auto)biográfica**: teoria e empiria. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 201-224.

ADORNO, Theodor. O ensaio como forma. In: ADORNO, Theodor. **Notas de literatura 1**. 1a. edição. São Paulo: Duas cidades & Editora 34, 2003. p. 15-45.

AGUIAR, Kátia Faria de; ROCHA, Marisa Lopes da. Micropolítica e o exercício da pesquisa-intervenção: referenciais e dispositivos em análise. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 27, n. 4, p. 648-663, Dez. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932007000400007>. Acesso em: 10 maio 2021.

BARBIER, René. **A Pesquisa-Ação**. Brasília: Plano, 2002.

BARROS, Manoel de. **Meu quintal é maior do que o mundo**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Objetiva Ltda, 2015.

BAUMAN, Zygmunt. **Isto não é um diário**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I**: Magia e técnica, arte e política. 7ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Cadernos Es-

colares em Arquivos Pessoais: Mistérios da “Caixa de Pandora”. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. **Não me esqueça num canto qualquer**. Rio de Janeiro: Laboratório Educação e Imagem, 2008. p. 01-12. Disponível em: <https://escolaememoria.files.wordpress.com/2022/11/cadernos-escolares-em-arquivos-pessoais-misterios-da-caixa-de-pandora.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2021.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. **Histórias de vida e formação de professores**: diálogos entre Brasil e Portugal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9788575114698>. Acesso em: 20 jun. 2020.

BRAGANÇA, Inês Ferreira Souza. *Pesquisa formação narrativa (auto)biográfica*: trajetórias e tessituras teórico-metodológicas. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; CUNHA, José Luiz; BÔAS, Lúcia Villas. (Orgs.) **Pesquisa (auto)biográfica**: diálogos epistêmico-metodológicos. Curitiba: Editora CRV, 2018. p. 65-81.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Uma poética da pesquisa. **Mnemosine**, Rio de Janeiro, v. 03, n. 02, p. 121-136, 2007. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/article/view/41324/28593>. Acesso em: 9 set. 2019.

DOMINICÉ, Pierre. **Learning from Our Lives**: Using Educational Biographies with Adults. San Francisco: Jossey-Bass, 2000.

FERNANDES, Renata Lúcia de Moraes. **Entre encontros e travessias**. 2021. 159 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. 8ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. Memória, história e (re)invenção educacional: uma tessitura coletiva na escola pública. In.: KOYAMA, Adriana Carvalho; GALZERANI, José Claudio; PRADO, Guilherme do Val Toledo. (Orgs.) **Imagens que lampejam**: ensaios sobre memória, história e educação das sensibilidades / de autoria da Professora Maria Carolina

- Bovério Galzerani. Campinas: FE/UNICAMP, 2021. p. 95-136.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- GARCIA, Regina Leite. A difícil arte/ciência de pesquisar com o cotidiano. In.: GARCIA, Regina Leite. (Org.) **Método, métodos, contramétodos**. São Paulo: Cortez, 2003. p. 193-208.
- HESS, Remi. O movimento da obra de René Lourau (1933-2000). In.: ALTOÉ, Sônia. (Org.) **René Lourau**. Analista Institucional em tempo integral. São Paulo: Hucitec, 2004. p. 15-46.
- HESS, Remi; WEIGAND, Gabrielle. A escrita implicada. **Revista Reflexões e Debates**, São Paulo, n.01, p. 14-25, abril. 2006.
- ISIDORO, Giovanna Leticia Vasconcellos. **Formação continuada de professores a partir da perspectiva da escrita diarista**. Relatório de Atividades Livres. 2021. Disciplina de Metodologia do Ensino Fundamental (EP153) – Curso de Pedagogia. Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2021.
- JOSSO, Marie-Christine. **Caminhar para si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010a.
- JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Natal: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010b.
- KOYAMA, Adriana Carvalho. **Arquivos online: práticas de memória, de ensino de História e de educação das sensibilidades**. 2013. 373 f. Tese de Doutorado em Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação/UNICAMP, Campinas, 2013.
- KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Editora Schwarcz S.A., 2020.
- LARROSA, Jorge. O ensaio e a escrita. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 28, n. 02, p. 101-115, jul/dez. 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/25643/14981>. Acesso em: 3 dez. 2021.
- LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. 2a. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014.
- LOURAU, René. **Le journal de recherche**. Matériaux d'une théorie de l'implication. Paris, Méridien Klincksieck, 1988.
- LOURAU, René. René Lourau na UERJ-1993. **Análise Institucional e Práticas de Pesquisa**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1993.
- MENDES, Mariana Diniz. Diários de Maria Isabel Silveira: vestígio e inscrição de uma voz. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 77, p. 220-250, dez. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/178834/165433>. Acesso em: 10 jun. 2021.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde. 9ª. Ed. São Paulo: Hucitec. 2006.
- MOTTA, Thais da Costa; BRAGANÇA, Inês Ferreira Souza. **Pesquisa formação: uma opção teórico-metodológica de abordagem narrativa (auto)biográfica**. Arte de *dizerfazerdizer* os saberes da experiência. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 04, n. 12, p. 1034-1049, set./dez. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.31892/rbpab-2525-426x.2019.v4.n12.p1034-1049>. Acesso em: 10 jan. 2020.
- OLIVEIRA, Liliam Ricarte de. **“Me ajuda a olhar”**: narrativas e experiências de uma professora de educação infantil em (trans)formação com a escrita. 2020. 273 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2020.
- PRADO, Guilherme do Val Toledo; CUNHA, Renata Cristina Oliveira Barrichelo; SOLIGO, Rosaura. Memorial de formação: uma narrativa pedagógica de profissionais da educação. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre (Orgs.). **Memórias, memoriais: pesquisa e formação docente**. Natal: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2008. p. 135-152.
- PEZZATO, Luciane Maria; L'ABBATE, Solange. O uso de diários como ferramenta de intervenção da aná-

lise institucional: potencializando reflexões no cotidiano da Saúde Bucal Coletiva. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 4, p. 1297-1314, dez. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312011000400008>. Acesso em: 20 abr. 2020.

PEZZATO, Luciane Maria; BOTAZZO, Carlos; L'ABBA-TE, Solange. O diário como dispositivo em pesquisa multicêntrica. **Saúde Soc.** São Paulo, v. 28, n. 3, p. 296-308, jul/set. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902019180070>. Acesso em: 19 jan. 2020.

PEZZATO, Luciane Maria; MENDES, Rosilda; OLIVEIRA, Erika Cecília Soares; AZEVEDO, Adriana Barin. Diário: uma política de registro In: MENDES, Rosilda; AZEVEDO, Adriana Barin; FRUTUOSO, Maria Fernanda. **Pesquisar com os pés**. São Paulo: Hucitec, 2019, p. 32-47.

PINEAU, Gaston. Ancoragem de uma política de pesquisa em ciências humanas: histórias das novas profissões socioeducativas em formação. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 05, n. 13, p. 55-70, jan/abr. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/8424/pdf>. Acesso em: 20 jan. 2022.

RANCIERI, Jacques. **Políticas da escrita**. Rio de Janeiro:

Editora 34, 1995.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa** (vol. 1). Campinas, SP: Papyrus, 1994.

ROSA, Camila. Petrucci Santos. **Narrativas de infâncias em um quintal de** pesquisa formação 2022. 198 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2022.

SARAMAGO, José. **O Caderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SOUZA, Elizeu Clementino. **O conhecimento de si. Estágio e narrativas de formação de professores**. Rio de Janeiro: DP&A. 2006.

VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. Escritas femininas na casa oitocentista: memórias sobre o diário da Viscondessa de Arcozelo. **Revista História da Educação**, v. 24, e97649, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/97649>. Acesso em: 20 abr. 2021.

Recebido em: 20/02/2022

Revisado em: 24/03/2023

Aprovado em: 23/04/2023

Publicado em: 29/04/2023

Luciane Maria Pezzato é doutora em Saúde Coletiva pela Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e pós-doutorado em Educação pela Faculdade de Formação de Professores (FFP) da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Professora da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), *campus* Baixada Santista – Instituto Saúde e Sociedade. Grupo de Pesquisa Análise Institucional de Saúde Coletiva da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp e Grupo Interinstitucional de *Pesquisa formação* Polifonia (Unicamp/UERJ). *E-mail*: luciane.pezzato@unifesp.br

Inês Ferreira de Souza Bragança é doutora em Ciências da Educação pela Universidade de Évora-Portugal e pós-doutora pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Professora da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Grupo Interinstitucional de *Pesquisa formação* Polifonia (Unicamp/UERJ). *E-mail*: inesfsb@unicamp.br

Camila Petrucci dos Santos Rosa é mestra em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). É professora pela Prefeitura Municipal de Campinas. Faz parte do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada (Geppec) e do Grupo Interinstitucional de *Pesquisa formação* Polifonia (Unicamp/UERJ). *E-mail*: cpetruccirosa@gmail.com